



O DINAMISMO DA ÉTICA PELA ÓPTICA DA SOCIOLOGIA E DO SEGUIMENTO DE JESUS

João Clemente de Souza Neto

Doutor em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Leciona na Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo.

Márcia Mello Costa De Liberal

Doutora em Sociologia pela Universidade Técnica de Lisboa. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

RESUMO

Este artigo tem a finalidade de refletir sobre o *ethos* cristão e sua repercussão na formação da ética. Portanto, problematiza a relação entre uma fé irracional e uma fé fundada na racionalidade. Emprega, para isso, algumas concepções sociológicas e teológicas que correspondem ao tema.

PALAVRAS-CHAVE

Ética, razão e fé

ABSTRACT

This essay has the purpose to reflect on the Christian ethos and its repercussion in the formation of ethics. Therefore, it treats the problem between an irrational faith and an established faith in the rationality. It uses, for this, some sociological and theological conceptions that correspond to the subject.

KEYWORDS

Ethics, reason and faith

1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre ética e religião na sociedade contemporânea significa delinear um projeto de sociedade e uma concepção de ser humano para o terceiro milênio. Essa proposta pressupõe a compreensão de alguns princípios éticos que orientem as relações sociais, econômicas, ecológicas, políticas e religiosas; enfim, as relações humanas em geral. Mais do que elaborar uma distinção entre ética e moral, tomamos como pressuposto que a ética não é algo pronto, mas em permanente confecção, irreduzível a um conjunto de regras e normas, uma vez que incorpora desde as visões de mundo até as ações dos indivíduos no cotidiano. O intento desta reflexão não é definir uma noção de ética que dê conta de todo o agir humano, mas salientar uma concepção de ética, cujo foco seja o seguimento de Jesus Cristo.

2. A ÉTICA NA DINÂMICA DA VIDA

Embora muitas vezes abordada como um inventário de códigos de conduta, a ética ultrapassa essa perspectiva. Como condição do processo humanizador, diríamos que ela deve brotar da experiência da vida e responder às exigências da perpetuação da existência. Em seu campo, tomamos posse de uma consciência ou saber que perpassa a amplitude das realidades humanas e a interdependência entre os seres, num movimento universal de solidariedade que suplanta sistemas racionais de códigos de justiça e normas de conduta. A ética não revoga, mas busca superar normas, leis e regulamentos, com base no critério de responder às necessidades e aos desdobramentos da existência humana.

Não existe uma ética acabada, completa e estática, mas sempre em construção, em movimento, na mesma dinâmica da vida. Ela não é algo fechado, acabado, mas se cria e recria a todo instante. Sem resvalar para o campo de um relativismo que poderia confundir e gerar mal-entendidos, diríamos, com Heráclito, que o ser humano não se banha duas vezes no

mesmo rio. Um largo olhar sobre a história mostra que falamos de uma temática sempre presente na humanidade. A ética perpassa a história do pensamento, da Antigüidade ao terceiro milênio, invade as concepções religiosas do Antigo e do Novo Testamento, o cristianismo e a Patrística. Em cada contexto histórico, ela se reveste de novas roupagens e incorpora diferentes sentidos. Em seu processo peculiar de reflexão e ação, a ética promove a apropriação, a ressignificação e a eficácia de relações fundadas na solidariedade, na fraternidade, na misericórdia e na cidadania.

O sentido da vida individual e coletiva se cria e recria, ganha força e visibilidade em cada relação humana. A construção desse entendimento não se faz à parte das relações entre os homens e desses com a natureza e a tecnologia. Poderíamos dizer que o conteúdo da ética é expressão dos vários embates entre as correlações de forças atuantes em determinados momentos. Não existe, portanto, um único sentido de viver, mas vários. Quando um sentido não é mais suficiente para orientar o agir humano, os laços sociais são rompidos ou quebrados.

Buscar uma noção de ética é propor uma forma concreta de reverter a situação decorrente do modelo socioeconômico excludente, que coloca em risco milhares de seres humanos e até mesmo o Planeta em que habitamos. Apesar das promessas da Modernidade e das lutas de diferentes segmentos da sociedade pela melhoria da qualidade de vida, milhares de pessoas continuam a morrer de fome e de doenças evitáveis, vitimadas por ignorância, analfabetismo, desigualdade social, racismo, preconceito e miséria. Essa situação é antiética, é a recusa do projeto trinitário de salvação que o Evangelho preconiza, é a aceitação de um projeto político que conduz à barbárie, em detrimento de um projeto político que vise à emancipação da humanidade.

O entendimento da ética pode ajudar a perceber de que modo a humanidade pode combater a pobreza, a desigualdade e as várias formas de exclusão social, por meio de políticas sociais. Por esse aspecto, acreditamos que religião e ética têm uma história integrada num todo social. É por isso que ora podem contribuir para a inclusão ora para a exclusão, sempre na dependência de compromissos assumidos. Um dos indicadores para descongelar as posições cristalizadas e burocratizadas que tomam conta da ética e da religião está nas relações. No

Evangelho, a partir dos acontecimentos do dia-a-dia, curas, diálogos, visitas, caminhadas, encontros, embates, pregações, e em cada contato, Jesus vai ensinando, vivificando e desanuviando concepções opacas, nebulosas e obscuras da vida e do mundo, que não servem à vida, e sim à exploração.

3. A ÉTICA NA CORRELAÇÃO ENTRE A RAZÃO E A FÉ

Nosso pressuposto é de não compreender a ética e a própria religião desvinculadas das correlações de forças sociais. Pela óptica da fé, a ética renova o dinamismo impulsionador do fazer histórico, gera inconformidade com estruturas sociais e pessoais injustas, reforça a convicção na possibilidade e na necessidade da construção da plena maturidade humana, de um mundo melhor para todos. Por isso, o foco da crise não está só na religião ou na ética, mas no conjunto da existência humana; a saber, nas práticas religiosas, nas formas de organização da sociedade, no modo de produção, no sistema político...

Diante das indagações modernas, perguntamos se é possível ao homem viver sem fé. A discussão entre fé e razão, estabelecida na gênese da Modernidade, teria sido ineficaz e inútil? Seria a fé, realmente, contrária ao pensamento racional? Acreditamos que a ética pressupõe uma junção entre fé e razão. Uma deve estimular a outra, para que o ser humano encontre o gosto e o prazer de viver. A desvinculação entre fé e razão gera profundo ceticismo e uma confusão e um desespero na humanidade. “Com efeito, sem fé o homem fica estéril, desesperançado e amedrontado, até o próprio âmago do seu ser.” (FROMM, 1974, p. 170)

“Sem fé é impossível agradar a Deus”, reforça o apóstolo Paulo em suas cartas. Em Hebreus (11,1), Paulo concebe a fé como “o firme fundamento das coisas que se esperam e uma demonstração das que não se vêem”. Talvez possamos entender, com base no Evangelho, que a fé é a crença em Deus, que se confunde, às vezes, com doutrinas religiosas geradoras

de fundamentalismos que resvalam, freqüentemente, para a irracionalidade. Sob essa luz, sentimos a necessidade de situar também a existência de uma fé irracional, a

[...] crença em uma pessoa, idéia ou símbolo, que não resulta da experiência própria da pessoa, de pensamento ou sentimento, mas se funda na sua submissão emocional a uma autoridade irracional (FROMM, 1974, p. 173).

Ao contrário de uma fé irracional, uma convicção fanática, a fé racional fundamenta-se numa experiência íntima com Deus, pela perspectiva do texto de Hebreus. Somente ela permite penetrar no mistério de Deus, revelado por Jesus. Na leitura da Sagrada Escritura, detectamos uma junção essencial entre razão e fé. A inteligência é dada a todos, aos que crêem como aos que não acreditam. O conhecimento serve a todos como águas profundas (cf. Pv 20,5). Portanto, a fé liberta a razão, assim como a razão estimula a fé. A propósito, “a mente do homem dispõe o seu caminho, mas é o Senhor quem dirige os seus passos” (Pv 16,9). É preciso crer para entender, afirma Santo Agostinho.

Paulo exorta a buscar a verdadeira sabedoria que, segundo nossa perspectiva, é a articulação entre a fé e a razão, porque todo conhecimento, à luz da sabedoria, pressupõe a fé (cf. 1 Cor 1,18-25; 3,18-23). A sabedoria sabe compreender todas as coisas (Sb 9,11). Quando o conhecimento e a própria ética são caracterizados apenas por uma racionalidade e uma intelectualização, sem a fé, caímos no desencantamento do mundo, que retira da vida pública a fraternidade das relações humanas (WEBER, 1979, p. 182). Espinosa chama a atenção para uma ética vinculada ao sentimento da alegria, da felicidade, dos bons encontros, e Paulo relaciona amor, alegria, paz, longanimidade, bondade, fidelidade como dons do Espírito Santo (Gl 5,22). A antiética, ao contrário, é a discórdia, a inveja, a glotonaria, a inimizade, o privilégio em detrimento da vida (Gl 5,19-21).

Quando olhamos para a história da salvação contextualizada na história humana, vemos que a ética não se reduz a tabus. A verdadeira ética de um grupo é o pleno desenvolvimento de todos os seus membros (FROMM, 1974, p. 206).

O discípulo toma a seu encargo a missão de fortalecer a consciência humana para discernir o que é bom e o que é mau. Sua voz clama no deserto, em defesa dos valores da eticidade. Ele tem consciência de que é melhor ter um código do que não ter regras de conduta, como afirmam Fromm e Heller, mas sabe que ética é muito mais do que isso, uma vez que tudo o que existe está a serviço da vida e do Autor da Vida. A ética, no seu grau de desenvolvimento criativo, inclui a realização da existência humana em comunidade e cria unidade entre a consciência e o ser, a vida e a história, a fé e a prática.

O apóstolo Paulo afirma que a lei mata e o espírito vivifica. Nós diríamos que a burocracia engessa as relações e que a vida as dinamiza. Por esse olhar, diríamos que a construção da ética e da moral tem origem na política e na religião. Se compreendermos a origem da ética entre o campo político e religioso, poderemos inferir que ela não é totalmente racional e nem inteiramente social. Tem fontes religiosas, políticas, artísticas, culturais e de convicções individuais. “Se desprezarmos qualquer uma delas, a ética resultante será parcial e inadequada” (RUSSELL, 1977, p. 34). O que a humanidade necessita não é de dogmatismos que excluem a vida, e sim de uma atitude fundada na solidariedade, na compaixão e na misericórdia, com a finalidade de melhorar a convivência humana e o bem-estar pessoal e social.

A decisão de garantir o desenvolvimento da ética ou sua destruição está nas mãos da humanidade. Viver eticamente significa preservar a existência humana. A ética é a articulação entre razão, política e religião, na arte de viver. Viver envolve uma ação dinâmica de todos os organismos e relações humanas. Em síntese, ética é afirmação da vida, é

[...] desenvolvimento das capacidades do homem. A virtude consiste em assumir-se a responsabilidade por sua própria existência. O mal consiste na mutilação das capacidades do homem; o vício reside na irresponsabilidade perante si mesmo (FROMM, 1974, p. 28).

A escolha entre o bem e o mal, a vida e a morte, a preservação da vida e a sua destruição deve ser direcionada pela ética.

É a alternativa entre a produtividade e a destrutividade, entre potência e impotência, entre virtude e vício. Para a ética humanista, todos os impulsos maus dirigem-se contra a vida e todo o bem atende à conservação e à dilatação da vida (FROMM, 1974, p. 183).

Às vezes nos perguntamos sobre o que é necessário para ter a boa vida para todos? Que valores são necessários para vivermos bem? Essas perguntas e outras aparecem no dia-a-dia e dificilmente conseguimos dar a elas respostas duradouras. Em cada acontecimento do cotidiano, elas são recolocadas. É por isso que não podemos dar respostas definitivas ao agir humano.

Isso ocorre, porque nem todos os bens encarados como as condições para a boa vida de todos, ou tendo um valor intrínseco para todos são coisas que partilhamos comumente. Amar ou ser amado é obviamente uma condição da boa vida para todos, e na verdade tem um valor intrínseco, mas não é uma coisa comum. Coisas comuns são constituições, leis, instituições públicas, órgãos formuladores de políticas, estruturas gerais [...], dentro dos quais operam as instituições de caráter social, econômico ou outro. [...] As condições sócio-políticas da boa vida têm sido tradicionalmente associadas à justiça. A coisa comum que é boa para todos e é, ao mesmo tempo, a condição para a boa vida de todos, é a justiça ou, para sermos mais precisos, a coisa comum, a *res publica*, é boa para todos se incorporar a justiça (HELLER; FEHÉR, 1998, p. 121).

Sem esperança, misericórdia, conhecimento, criatividade, religião e leveza, a massa humana tende ao auto-aniquilamento e à barbárie. Neste início do terceiro milênio, será

[...] necessário coragem, esperança e amor por parte daqueles que deverão tirar o mundo dos seus apuros. Se eles terão uma oportunidade, não sei; mas, independente de qualquer razão, por um anseio profundo, estou seguramente persuadido de que terão (RUSSELL, 1977, p. 226).

Daí nossa pergunta sobre a contribuição da religião para formar uma ética emancipadora ou para reforçar o processo de coisificação de pessoas e instituições.

A hipótese de que a humanidade terá maturidade para extrair da prática de Jesus elementos para a proposição de uma ética que evite a barbárie só o futuro poderá comprovar. No lastro libertador do Evangelho, a ética tem por finalidade ajudar o ser humano a retomar a idéia de emancipação proposta por Jesus: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). No Evangelho, a ética está intimamente ligada à verdade. Somente essa poderá libertar toda a humanidade. A verdade é o próprio Jesus, que diz de si mesmo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6).

A ética ganha uma feição peculiar quando observada pelo filtro dos princípios evangélicos e pelo testemunho dos cristãos e da comunidade de fé. Na Bíblia, e mais ainda nos Evangelhos, a missão do Salvador é libertar os cegos e oprimidos, anunciar a esperança para todos (cf. Lc 4,18; Is 40-65). As propostas de solidariedade, de partilha e fraternidade perpassam o Novo Testamento (cf. Mt 3,1-10 e 25,31-46; Lc 3,1-14, entre outros textos). No seguimento de Jesus, há um lastro de ética, que ajuda a discuti-la neste terceiro milênio. Ela se identifica com a boa nova:

Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados. E bem-aventurados aqueles que não ficam escandalizados por causa de mim (Mt 11,4-6).

Da relação entre o seguimento de Jesus e a ética, podemos inferir que o Evangelho tem que ser levado em consideração na construção de quaisquer projetos societários de ética emancipadora. Entendemos que o *ethos* do cristianismo influencia a construção do conhecimento e da ética. Alguns valores construídos ao longo do Antigo e do Novo Testamento se refazem de diferentes formas na cultura moderna. Valores constituintes da ética são a liberdade e a solidariedade. Esses dois princípios, sempre presentes na cultura judaico-cristã, ganham plenitude em Jesus Cristo. Na práxis de Jesus, os valores da ética desbordam do discurso para a aplicabilidade. Somente por meio dele é possível a realização da plena liberdade, do amor e da solidariedade.

Na experiência da partilha do pão, narrada no capítulo 6 do Evangelho de João, fica patente a prática da solidariedade. João abre seu Evangelho apresentando Jesus como o Verbo que se encarnou entre nós. Essa base do *ethos* cristão nos permite refletir e compreender melhor a ética, não como prescrição, mas no campo atitudinal. Atitudes, teorias e doutrinas se refazem umas nas outras e se superam. No contato entre grupos, etnias e pessoas, os discursos, doutrinas e teorias se afetam mutuamente. É bom ressaltar que uma teoria nasce num lugar social determinado e, com o passar do tempo, dependendo de suas articulações, expande seu domínio, podendo se aplicar a outros setores.

A relação de aplicação nunca é de semelhança. Por outro lado, desde que uma teoria penetre em seu próprio domínio, encontra obstáculos que tornam necessário que seja revezada por outro tipo de discurso [...] A prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra. Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro (DELEUZE, in FOUCAULT, 1981, p. 75).

4. A ÉTICA NOS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA

Sociólogos, teólogos e filósofos têm debatido o tema da ética. Esse é tão inesgotável quanto a vida. Cada momento da história do desenvolvimento da tecnologia faz novas exigências nesse sentido. Os princípios da ética interagem com a prática e ganham significados novos. Acreditamos que a ética se constrói a partir de um espaço no qual residem os conflitos, as doenças sociais e as experiências de injustiça. O processo da ação humana pode ser aí mais bem observado. As atitudes não decorrem apenas de teorias ou doutrinas, uma vez que entre elas existe uma relação dialética.

No século XIX e no início do século XX, ao problematizar a questão, Durkheim concluiu que a crise da sociedade

industrial é moral. Em sua obra, percebe-se que a moral é uma questão social, vinculada à conduta humana, dentro de uma coletividade. É a experiência da moralidade social que sustenta os contratos sociais. É ela que oferece as condições para uma sociabilidade. Nesse sentido, a sociabilidade preexiste aos contratos. Enquanto Durkheim toma a crise social como moral, a obra marxiana compreende a moral como um atalho de possível escamoteamento da desigualdade social ou um instrumento para melhor compreensão e transformação da realidade.

Durkheim acreditava que a divisão social do trabalho produz a solidariedade, e essa é uma atitude moral. Marx entendia que a divisão social do trabalho no capitalismo tinha como finalidade o controle e a exploração e que alguns valores emergentes dessa relação tinham como finalidade um processo de desvalorização e de humilhação dos trabalhadores. A obediência e a submissão nesse contexto eram apresentadas como virtudes. Marx afirma a necessidade de se criar uma ética livre da coisificação, da alienação, da ilusão, da moral e da ideologia.

Se em Marx não aparece uma teoria explícita da ética, há, com certeza, elementos para sistematizá-la. A teoria social ou a compreensão do mundo elaborada por Marx entende a ética como um processo que conduz à felicidade e à liberdade. Portanto, a libertação não é o fim, mas o meio para eliminar todas as formas de exploração, cujo fim último é destruir a vida. O que apreendemos em sua obra é que os homens utilizam princípios e conteúdos para justificar os mecanismos de exploração. Assim, a teoria marxista parte de uma crítica à moral que está a serviço da classe dominante, presa à ideologia de exploração da classe oprimida.

O direito, como a moral, sancionou sempre as relações e as condições prevaletentes, a fim de as imobilizar e inclinar a favor do domínio das classes economicamente privilegiadas e politicamente reinantes. Do ponto de vista histórico, social e prático, a alienação moral não se separou, pois, das outras formas de alienação: a ideologia geral, o direito, a religião etc. (LEFEBVRE, 1974, p. 63).

Pela perspectiva de Marx, como parece, a ética não estaria num super-homem, detentor da máxima liberdade, mas,

talvez, numa super-sociedade, uma sociedade democrática, na qual a humanidade poderia superar os processos de exploração, fazendo, assim, a passagem do reino da necessidade para o reino da liberdade. No reino da liberdade, haveria maior possibilidade de consolidar o axioma de que “a liberdade de cada indivíduo pressupõe a liberdade de todos os indivíduos e vice-versa” (HELLER, 1989, p. 105). Embora a ética interfira nos processos de transformação social, esses não são produtos da ética, mas o contrário. Teorias, conceitos, pensamentos, ideologias aparecem no movimento das forças produtivas e sociais de determinadas épocas.

Nas críticas de Marx ao capitalismo, fica patente que a ética tem como finalidade ajudar os homens a superar todos os tipos de exploração e produzir ou resgatar o verdadeiro sentido humano da existência. Essa construção não é uma escolha fundada num espontaneísmo, mas vem sendo realizada ao longo da história. A alienação do sujeito, da vida humana, seria a experiência da antiética. A ética aparece na hora da discussão sobre o que fazer e como fazer. A libertação não pode acontecer pelo uso de meios indiscriminados. Como virtude, a ética não deve ser utilizada para escamotear os conflitos, e sim para enfrentá-los, de tal forma que as pessoas possam viver em comunidade ou em sociedade. Em outras palavras, como virtude, é a busca de fazer as coisas certas, de maneira correta, como um hábito de comportamento.

Desde o pensar grego, as principais virtudes que contribuem para a consolidação da *res publica* são as virtudes cívicas da tolerância, coragem, solidariedade e as virtudes intelectuais, que são comunicação, prudência e ciência. Essas virtudes fazem que a cidade se torne um espaço de vida boa.

Quaisquer outras virtudes que homens e mulheres desenvolvam além dessas virtudes cívicas contribuem para a boa vida deles próprios. As virtudes cívicas contribuem para a boa vida de todos” (HELLER; FEHÉR, 1998, p. 129).

São essas virtudes que sustentam os contratos sociais e oferecem as condições para a sociabilidade. Nessa concepção, *res publica* significa defesa da vida e da liberdade. Nela se circunscreve a tolerância radical que não aceita e nem tolera a

violência da dominação que elimina a vida, exclui as mulheres, os negros, os portadores de deficiência e elimina aqueles que pensam e agem de modo diferente.

Defendemos a construção de uma ética circunscrita na práxis, e não mais assentada numa filosofia que emerge do vazio. Nesse sentido, a crise da sociedade não é apenas moral. É, também, uma crise das relações de poder e econômicas. Uma ética da libertação requer a superação dos processos sociais de exclusão, de reprodução da desigualdade social e de coisificação. Isso constitui a desfragmentação entre a teoria e a prática, para juntá-las numa síntese orgânica em que uma descongela a outra e a vida pode ser refletida.

Os seres humanos fazem a sua vida, a sua história e a história geral. Mas não fazem a história em condições por eles escolhidas, determinadas pela sua vontade (LEFEBVRE, 1974, p. 71).

Sem dúvida nenhuma, as ações humanas não são produtos de uma consciência plenamente livre, mas estão sempre circunscritas em determinados contextos.

Na práxis, a questão da ética não se coloca apenas no sentido de normatizar ou de regulamentar as relações. O que se coloca é de que forma a ética pode ajudar o ser humano a descobrir a sua essência e se encontrar com a vida. Na sociedade capitalista e nos sistemas burocráticos, a vida se transformou em mercadoria, em coisa de menor valor. Nesse sentido é que podemos compreender o processo de fetichização. A ética não deve ser uma forma de fetichizar as relações humanas, mas de humanizá-las. À medida que o ser humano é transformado em uma coisa, as relações são também desumanizadas. Isso repercute na relação entre homens e mulheres, jovens e anciãos, crianças e adultos, família e Estado. Nessas relações, impõe-se aos seres humanos um processo de mistificação e de dominação.

Dentro da moral burguesa, a ética costuma aparecer como verdades eternas, acima do bem e do mal. É mais uma ideologia de dominação, produzida por aqueles que detêm o poder político e econômico, para justificar aos oprimidos seus sacrifícios, muitas vezes, utilizando-se, para isso, da religião e da educação, para convencê-los de que, como uma raça inferior, têm, naturalmente, que cumprir o culto da servidão.

Desvinculada da práxis, a ética fortalece a mistificação e a dominação. Quando não circunscrita no cenário das forças sociais, colabora para a degradação da pessoa humana e das relações, justifica a privação de bens, produtos, direitos e acaba levando à

[...] privação da existência social, da relação humana de cada homem com os outros e consigo mesmo. A moral, enquanto ideologia, mascara essa privação e mesmo a substitui por uma plenitude fictícia: o mérito da satisfação enganosa e artificial na não-realização de si (LEFEBVRE, 1966, p. 61).

Se em Marx só se pode compreender a ética nas relações sociais, Weber busca esclarecer a relação entre racionalidade e ética, bem como analisar os conflitos, tensões e choques existentes entre a ética e os valores da sociedade. Enfoca a importância da ética fundada na fraternidade ou na convicção, cujo ponto de partida é o pressuposto de uma aliança de confiança entre Deus e o homem. A ética cristã é expressão do seguimento dos homens a Jesus Cristo. Weber demonstra a repercussão desses valores na formação do capitalismo, a partir das orientações de Calvino. Sob essa luz, a ética da convicção seria rejeitada por uma sociedade pautada pela racionalidade, pelo consumo e pela busca desenfreada do lucro. Num mundo em que a violência e a desvalorização do ser humano transparecem no cotidiano, o que mais parece importar é sempre o resultado final. Cada vez mais, os meios justificam os fins, quer no mundo intelectual quer no mundo da economia ou da política. Para

[...] alcançar fins bons, vemo-nos, com freqüência, compelidos a recorrer, de uma parte, a meios desonestos ou, pelo menos, perigosos, e compelidos, de outra parte, a contar com a possibilidade e mesmo a eventualidade de conseqüências desagradáveis. E nenhuma ética pode dizer-nos a que momento e em que medida um fim moralmente bom justifica os meios e as conseqüências moralmente perigosos (WEBER, 1993, p. 114).

A justificação dessa perspectiva tenderia a negar a ética da convicção ou da fraternidade e poderia ser uma forma de

o mundo rejeitar a religião e de aprovar moralmente até o desejo de vingança. O que defendemos é que a ética da fraternidade pode ajudar os homens a salvarem-se a si mesmos e ao Planeta, mesmo que a história tenha demonstrado que a separação entre o bem e o mal não é assim tão nítida, que nem todo bem tem origem exclusivamente no bem e que nem todo mal só tem origem no mal. O contrário também acontece, se pensarmos que a fraternidade pode nascer para responder a uma conseqüência da crueldade humana. Na linguagem do apóstolo Paulo, “onde avultou o pecado, a graça superabundou” (Rom 5,20).

Entendemos que a ética da fraternidade é um modo de refletir sobre todas as formas de pensamento que impulsionam a ação humana. A ética cristã propicia um direcionamento comparativo entre a realidade de destruição da humanidade e aquela que propõe a construção de uma nova sociedade, pautada pela justiça, pela fraternidade, pelo amor e pela solidariedade. Nesse sentido, podemos afirmar que a obra de Weber traz apontamentos suficientes para a compreensão do paralelo entre o projeto do *ethos* e as propostas da sociedade capitalista. Em nossa pretensão de entender o porquê da impossibilidade de relações eticamente reguladas no mundo atual, pela perspectiva da sociologia da religião em Weber, observamos que a ética religiosa não se resume a prescrições de ordem pessoal ou familiar, mas influencia todas as ações humanas.

Numa análise diacrônica do processo teórico de racionalização do mundo, a ética sempre repercute nas esferas econômica e sociocultural, não só por uma perspectiva mágica e ritualista, mas também de forma sistêmico-racional, como um modo de negação do mundo. Isso não significa que os conflitos internos e a relação entre o mundo e a ética da fraternidade não possam ser resolvidos. Na tensão que se estabelece entre a religião e o mundo, a idéia de um Deus Criador supramundano é base da ética religiosa e, por esse caminho, a ação do mundo é perigosa e todos se devem converter a Deus. O ascetismo racionalmente ativo deve domesticar o mundo para Deus (cf. WEBER, 1982, p. 374).

De acordo com o pensamento weberiano (1982), explicitado em “Rejeições religiosas do mundo e suas direções”, entram em conflito com a ética da fraternidade as esferas econô-

mica, política, intelectual, estética e erótica. Em sua origem, qualidades carismáticas que se opunham às influências maléficas e acabavam por repercutir nas ações humanas caracterizaram as práticas religiosas. No desenvolvimento dessas práticas, constituiu-se um processo de racionalização e sistematização do modo de vida, sobretudo a partir do cristianismo, que traz uma promessa de salvação, na qual se constrói e se redesenha a ética da fraternidade. Weber defende a proposição de que o ascetismo e o misticismo são pontos de apoio na ação dos seres humanos, diante dos conflitos gerados com as diferentes esferas sociais.

Na esfera econômica, destacam-se dois aspectos do processo de racionalização: o monetário e o de mercado. Nela se pode perceber a ação dos indivíduos, pelos caminhos do ascetismo e do misticismo, em busca de atenuar tensões e conflitos com a ética da fraternidade. Além disso, no trabalho, o homem encontra uma forma de resolução do problema das tensões entre o econômico e o religioso. Do mesmo modo, na esfera política, deparamos com a dúlice alternativa do enfraquecimento ou da dissolução das tensões com a ética pelo ascetismo e o misticismo. A esfera política tem como destaque o processo de racionalização presente na construção, conformação e organização burocrática do Estado, que culmina nas atividades administrativas da coisa pública e na regulamentação direta e indireta da conduta dos cidadãos. Sem uma preocupação maior com o indivíduo e a pessoa, essa dinâmica acaba por conferir um caráter despersonalizado à ação.

No âmbito intelectual, o entrechoque entre o conhecimento científico e o teológico ressalta a transitoriedade do conhecimento. As verdades e descobertas de última geração, em confronto com o conhecimento teológico de verdades estabelecidas e fixadas, serão, em curto tempo, questionadas e deixarão espaço para novas buscas. Weber acredita que o único caminho para a construção do conhecimento é por meio do tipo ideal. Mas é preciso tomar um certo cuidado para evitar o falseamento dos dados, bem como as falsas comparações. O método é apenas um recurso para a compreensão, a explicação e a interpretação do fenômeno. Na linguagem de Machado de Assis, o fato é o fato, a realidade é uma só; o que importa é a rotina (cf. TRAGTENBERG, in WEBER, 1973, p. XXVII).

No centro das reflexões de Weber, a ética religiosa é apresentada como fraternal. Sua origem está nas comunidades, nos clãs primitivos e aglomerados religiosos em que os homens estabeleciam relações de troca e prestavam serviços aos seus vizinhos. Com o passar do tempo, surgiu a necessidade de ajudar os órfãos, as viúvas, os doentes e de dar esmolas. Isso se tornou uma ordem e uma condição de todas as religiões “eticamente racionalizadas”. Com a religião pautada pela salvação, os valores morais ofereceram a base para a construção de uma nova comunidade social que esvaziou as relações sociais anteriores e redesenhou a ética religiosa, agora “[...] na atitude de caritas, o amor ao sofredor *per se*, pelo próximo, pelo homem e, finalmente, pelo inimigo [...]” (WEBER, 1982, p. 378).

Nesse contexto, cria-se uma dualidade da moral do “nosso-grupo e do grupo exterior” e da moral do “nosso-grupo, simples reciprocidade”. A ética da fraternidade tem como elemento impulsionador a caridade, que entra em conflito com a ética consumista.

Nas religiões de salvação, a bênção profunda e tranqüila de todos os heróis da benevolência acósmica sempre se fundiu com a compreensão caridosa das imperfeições naturais de todos os atos humanos, inclusive os nossos. O tom psicológico, bem como a interpretação ética dessa atitude interior, pode variar muito. Mas sua exigência ética tendeu sempre na direção de uma fraternidade universalista que ultrapassa todas as barreiras das associações comunais, incluindo freqüentemente as de nossa própria fé (WEBER, 1982, p. 379).

A ética da fraternidade entra sempre em conflito com o mundo, cujo primeiro interesse é a transformação do homem num objeto a serviço do consumo e em detrimento do amor que vem de Deus. De um olhar analítico sobre a obra de Weber, podemos inferir a existência de uma influência religiosa sobre a ética, a economia, a política e a formação intelectual. A religião, orientada pela salvação e dela convicta, opõe-se ao mundo, uma vez que não se coloca a serviço dos homens e nem das leis, mas, sim, do sagrado. “A religião da fraternidade sempre se chocou com as ordens e valores deste mundo [...]” (WEBER, 1982, p. 379).

A religião da fraternidade e sua ética tiveram sua formação dentro do processo teórico de racionalização do mundo. Logo, dada a especificidade desse processo, com reorganizações das ordens interiores e exteriores ao mundo e aos indivíduos, somando-se às conformações e modificações das estruturas sociais no devir histórico, a ética religiosa da fraternidade “sempre se chocou” com as ordens e valores “mundanos”. Esses choques, percebidos em várias direções, em diversas esferas, concentraram-se, como já explicitamos, na discussão das direções conflituosas com a esfera econômica, a política e a intelectual.

Weber acentua que o sermão da montanha (cf. Mt 5-7) permite entender a ética absoluta do Evangelho. Ao contrário de uma orientação leviana ou trivial, o sermão da montanha exige um comprometimento radical, incondicional, cujo sentido tem como testemunhas os apóstolos, São Francisco de Assis e outros discípulos e seguidores, como também a própria prática de Jesus. A paz do Evangelho se constrói pela recusa de meios violentos, como a guerra e o uso de armas ou outros tipos de ataques aos seres humanos. Na realidade, estamos sempre refletindo sobre se devemos escolher o bem e resistir ao mal ou fazer o contrário, ou, ainda, buscar elementos da ciência ou da filosofia para refutarmos o sermão da montanha. O ser humano “[...] tem de decidir qual é para ele o deus e qual o demônio. E o mesmo acontece em todas as ordens da vida” (WEBER, 1979, p. 175).

Até aqui, procuramos estabelecer uma relação entre os fundamentos bíblicos e algumas assertivas dos clássicos da sociologia, para estabelecer a interface entre a ética e a religião, bem como apontar como a religião contribui para a construção de um *ethos* social. Parece evidente que essas interferências ou influências existem e são assumidas por esses autores, por perspectivas diferentes. Entretanto, temos uma certa dificuldade de mensurar os impactos da religião na formação do *ethos* social. Os autores indicam, para uma melhor compreensão dessa relação, as ações humanas. Vimos que a ética é expressão de uma realidade polifônica, como se pode observar pelas perspectivas durkheimiana, weberiana e marxista. Com base numa leitura desses clássicos, dos pensadores da Antiguidade grega e do Evangelho, poderíamos inferir que a ética, como a amizade, se traduz na política da vida.

5. A ÉTICA E A PRÁXIS DA AMIZADE, DO AMOR E DA LIBERDADE

No Evangelho, Jesus afirma que todos devem ter a vida e devem tê-la em plenitude. Esse critério nos ajuda a sair do relativismo e, ao mesmo tempo, a assumir um projeto societário. Poderíamos dizer que a ética é “[...] uma amizade fraternal estendida aos sofrendores de causas constantes e irreversíveis ou vítimas casuais” (PASSETTI, 2003, p. 163). Ela é uma das dimensões da caridade, mais voltadas para os pobres,

[...] é um ato que mantém inalterada a condição de subalternidade do favorecido. Importa melhorar a sua condição, reduzir seu sofrimento e se posicionar de maneira oposta aos interesses amigáveis entre homens de bem, como marcou Aristóteles (PASSETTI, 2003, p. 163).

Mas o cuidado dos necessitados, muitas vezes, é um meio para garantir o poder político e econômico, para prestigiar aquele que faz o bem. Alguns estudiosos denominam a solidariedade de bondade aparente.

Nos dias atuais, a idéia de amizade e de política da vida deve ser traduzida pelas políticas sociais, do ponto de vista coletivo. Entretanto, cada indivíduo tem que buscar ser amigo. “Já não vos chamo servos e, sim, amigos”, afirma Jesus aos seus, no Evangelho.

Todo olhar sobre a ética deve perceber que o ato moral é um ato individual de religação; religação com o outro, religação com a comunidade, religação com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana (MORIN, 2005, p. 21).

Por esse olhar, diríamos que o agir humano depende da compreensão que a humanidade tem das questões sociais. Por exemplo, as questões das violações de direitos e da erradicação do analfabetismo, da fome, da mortalidade infantil, selecionadas como Metas do Milênio, para serem solucionadas até 2015, exigem de todos nós uma reflexão sobre a ética, mesmo porque, segundo vários indicadores, essas metas não serão

atingidas. A ética aparece como uma condição e uma estratégia ou como meio de combater a pobreza e de construir uma sociedade democrática.

Todo conceito pretende explicar uma determinada realidade. Temos de ter clareza de que a realidade é mais ampla, e isso permite a criação e a recriação dos conceitos. Portanto, “[...] não basta querer compreender para compreender. É preciso querer também compreender a compreensão. [...] a nossa salvação e a nossa perdição estão no pensamento” (MORIN, 1994, p. 130). Toda ação humana pressupõe riscos. Se o agir humano aparece como salvação, carrega também a perdição. Por seu caráter de dubiedade ou de ambigüidade, sua noção e sua prática devem ser sempre repensadas. Esse problema não é especulativo. É vital para cada um de nós e, ao mesmo tempo, para todos, e mesmo para a perpetuação do Planeta. Na contemporaneidade, a noção de ética aparece, freqüentemente, como instrumento de libertação ou de opressão, ou de ambas, simultaneamente.

Viver significa aprender a lidar com a ordem e a desordem, a ambigüidade, as certezas e incertezas, a dor e a alegria, o amor e o desamor. Significa estar disposto a correr o “risco” de peregrinar por caminhos ainda não construídos. Mesmo que nem sempre saiba exatamente onde vai chegar, o discípulo é capaz de contemplar o não-lugar e, a partir dessa contemplação, alimentar seu caminhar e formar novos discípulos na caminhada. Ele está consciente de que a vida não é dada, mas construída a cada passo e momento. No caminhar da vida, o peso das exigências nem sempre encontra respostas adequadas e imediatas. Como o sonho põe asas nos pés e ajuda a suavizar as dores, desencantos, sofrimentos e desafios que fazem parte da jornada, as utopias atenuam o cansaço, que poderia abater e até paralisar o viajante.

Na jornada em busca da construção da ética, aprendemos a contemplar os momentos vividos e amadurecidos. Nela, chegam os instantes de saborear virtudes e silêncios, de interiorizar diferentes experiências da vida, de agradecer pelas oportunidades e despojar-se de rancores, ressentimentos e lamúrias. Chega também a hora de reavaliar o projeto construído e de acolher a felicidade, para caminhar sem excessos de ansiedade ou de aflição, conscientes de nossas necessidades, mas atentos às necessidades do outro e do Planeta. A ética recusa-se

a aceitar atitudes que fortaleçam a exploração, a desumanização e a negação do diálogo religioso, científico e cultural, entre outros. Propõe compartilhar as diferentes descobertas e as formas de saber, em busca da emancipação de todos os homens e do Planeta.

A realidade é uma síntese de múltiplas determinações que incluem o sujeito, a objetividade, a subjetividade. Quando se separa um desses três aspectos e outros elementos da realidade, caminha-se para a barbárie, para formas de totalitarismo e de fanatismo. Uma boa leitura da realidade ou a construção do conhecimento viável deve levar em consideração os nexos entre as partes, não por uma perspectiva de somatório, mas numa direção trans. As análises das transformações sociais de cunho positivista, preconizadas pela Revolução Industrial, mostram a criação de um homem novo que, na verdade, acabou produzindo um homem triste, vazio de sentido, enrijecido, incapaz de alterar as coisas. É um sujeito agonizante, determinado a realizar os desejos e as vontades da natureza, da economia, das ideologias, dos partidos políticos, das religiões, da história, da tecnologia e do consumismo. É sua própria morte.

A ética busca compreender a realidade multidimensional, superar a concepção de uma realidade unidirecional. Esse princípio acredita na coexistência

[...] entre a pluralidade complexa e a unidade aberta: nenhum nível de realidade constitui um lugar privilegiado de onde passamos a compreender todos os níveis de realidade. Um nível de realidade é aquilo que é porque todos os outros níveis existem ao mesmo tempo. Este princípio de relatividade dá origem a uma nova maneira de olhar a religião, a política, a arte, a educação, a vida social. E quando nossa visão de mundo muda, o mundo muda. Na visão transdisciplinar, a realidade não é apenas multidimensional, é também multirreferencial. [...] O conjunto dos níveis de percepção e sua zona complementar de não-resistência constituem o sujeito transdisciplinar. As duas zonas de não-resistência do objeto e do sujeito transdisciplinares são idênticas, para que o sujeito transdisciplinar possa se comunicar com o objeto transdisciplinar. [...] O conhecimento não é nem exterior e nem interior: é, ao mesmo tempo, exterior e interior (NICOLESCU, 1999, p. 56).

A noção moderna do amor ajuda o sujeito a criar um processo de transfiguração de si e do mundo. Na visão de Dostoievski (*Os irmãos Karamazov*), essa concepção está presente na tradição cristã, a partir do Evangelho de João. A cura das mazelas tende a vir do amor. A felicidade humana, além da satisfação das necessidades materiais, requer um processo de aprendizagem da capacidade de amar e de ser amado. Esse processo permite ao ser humano ter um olhar antitrágico para o cotidiano e, nele e com ele, ressignificar sua história e transformá-la. A reflexão sobre a ética abre uma janela a mais para se compreender a ação do sujeito, que não é virtual e nem vazia, mas uma potência. A ação eminentemente racional leva o sujeito a ter compreensão do mundo utilitarista. É necessário que essa ação tenha também o amor.

O homem necessita, como apresenta Dostoievski, compreender que o segredo do viver não é somente o de fazer, mas o de encontrar um sentido e um motivo para viver. Não basta explicar o viver. É necessário encontrar sentido e esse vem do amor. Só vale a pena viver se desenvolvemos nossos vínculos afetivos e a capacidade de amar e de ser amado. “A maioria dos homens não sabe amar. Se eles soubessem amar tão bem quanto sabem compreender, o mundo inteiro estaria numa ordem perfeita” (RANDOM, 2000, p. 189). O amor desenvolve a capacidade criativa no ser humano, que lhe permite romper, diminuir e lutar contra todas as formas de exploração.

A práxis da ética da emancipação busca superar as formas de exploração, desumanização e alienação. O amor e a luta emancipadora impulsionam o homem a transcender indefinidamente as experiências de injustiça e a buscar novos horizontes, libertando-se do processo de enclausuramento, a adquirir a capacidade de criticar dialeticamente os desvios que ocorrem a partir da desvinculação da objetivação e da subjetivação e a construir um mundo humano. A objetivação e a subjetivação são partes da mesma moeda que permite ao sujeito tomar consciência de si, da história e do Planeta. O mundo da consciência não é uma elaboração humana. Não é apenas contemplação, é também ação. Ninguém se conscientiza sozinho. A consciência é resultado de múltiplas relações. “A hominização não é adaptação: o homem não se naturaliza,

humaniza o mundo. A hominização não é só processo biológico, mas também histórico” (FREIRE, 1983, p. 8).

A práxis amorosa permite uma leitura do mundo com sonho e esperança, não leituras mecanicistas, duras, que acabam excluindo o sentido da vida e fortalecendo um fanatismo que, em nome da liberdade, acaba por negá-la. Tirar a crença, a esperança, os sonhos e o amor de alguém é o mesmo que cortar as asas de um pássaro, é transformar o homem num “cadáver”. A ética concebe o entusiasmo como uma reação necessária que imprime no sujeito uma força que ressignifica sua história e cria projetos que podem alterar a realidade. Ela se recusa a aceitar qualquer atitude que fortaleça a prática da exploração, da desumanização e da negação do diálogo de ordem religiosa, científica e cultural, entre outras. Propõe compartilhar as diferentes descobertas e formas de saber, em busca da emancipação de todos os homens e do Planeta. É um sujeito agonizante, determinado a realizar os desejos e as vontades da natureza, da economia, das ideologias, dos partidos políticos, das religiões, da história, da tecnologia, do consumismo. É sua própria morte.

O “amar os outros” é tão vasto que inclui até o perdão para mim mesma [...] Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.

Essa é a percepção da vida que Clarice Lispector apresenta (WALDMAN, 1992, p. 17). O sujeito que ama e recebe amor tem uma forma diferente de olhar a realidade e transformá-la. Sabe também lidar com a ordem e a desordem, articular-se com seus companheiros para combater as formas de injustiça e propor uma ética emancipadora, testemunha a esperança, porque acredita que ela é a virtude dos fracos para combater os exploradores e dominadores. A esperança, tanto quanto o amor, figura o feminino. Numa sociedade machista e autoritária, o feminino foi negado tanto na vida quanto na ciência, o que transformou o sujeito em uma coisa.

Essa tragédia escondeu os mistérios da vida e do cosmo. O amor, que dá base para a criatividade, é o mistério máximo da vida. O sujeito não é só racionalidade, não é só cultura, não

é só emoção e não é só produto das relações sociais e econômicas, e não é a soma de todos esses elementos. É um

[...] ser calculador é sério, mas também ansioso e angustiado, embriagado, estático, de gozo; é um ser inválido pelo imaginário e que pode reconhecer o real, que sabe da morte, mas não aceita-la, que destila mito e magia, mas também ciência e filosofia; possuído pelos deuses e pelas idéias, duvida dos deuses e critica as idéias. Alimenta-se de conhecimentos verificados, mas também de ilusões e de quimeras. Na ruptura dos controles racionais, materiais, culturais, quando há confusão entre o objetivo e o subjetivo, entre o real e o imaginário, hegemonia de ilusões, insensatez, o *homo demens* submete o *homo sapiens* e subordina a inteligência racional a serviço de seus monstros (MORIN, 2002, p. 127).

A autonomia do sujeito se constrói num jogo de dependência genética, cultural, social, política. Esses elementos subjagam e emancipam, aprisionam e libertam o sujeito. Sob um outro aspecto, a ordem e a desordem, a certeza e a incerteza, a ilusão e a realidade impulsionam o sujeito a se descobrir e a encontrar-se com o outro e com a natureza. Essa dinâmica faz que, mesmo em sociedades autoritárias ou democráticas, apareça a figura dos sujeitos desviantes. São esses que ousam resistir às diferentes formas de exploração e dominação. São insubmissos e muitas vezes sofrem o suplício até a morte. Os indivíduos, a sociedade e mesmo a humanidade só percebem os problemas quando também já possuem instrumental material e cultural para solucioná-los.

Na prática de Jesus, a ética aparece como uma exigência à disponibilidade para ouvir e acolher o outro. Em síntese, é ser misericordioso, como podemos ver em cada contato ou encontro de Jesus. Por esse aspecto, a prática de Jesus ajuda a descortinar uma perspectiva ética presente nos clássicos da sociologia e acreditamos que esses clássicos nos ajudam a descortinar uma ética cristã. Cada vez que pensamos sobre a ética, emerge uma possibilidade de graça da semente da justiça e do amor em todos os recantos do mundo. É uma centelha de luz para a sociedade. É fazer que cada um possa acreditar na esperança e na verdade de que uma outra sociedade é possível, até se consolidar a nova Jerusalém.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Coleção grandes cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1991.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FROMM, Eric. *O dogma de Cristo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- _____. *Análise do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- GRAMSCI, Antonio. *A política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- _____. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- _____. *Cartas do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- _____. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v.I.
- HELLER, Agnes. A herança da ética marxiana. In:
- HOBBSBAWM, Eric. *História do marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. v. 12, p. 105.
- _____; FEHÉR, Ferenc. *Condição política pós-moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- KÜNG, Hans. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LEFEBVRE, H. *Sociologia de Marx*. São Paulo: Forense, 1966.
- _____. *O marxismo*. Lisboa: Bertrand, 1974.
- MARX, Karl. *A questão judaica*. São Paulo: Moraes, 1843.
- _____. *Coleção Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1978.
- _____. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- _____. *Miséria da filosofia*. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.
- _____. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____; ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1953.

_____. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1988.

MORIN, Edgar. *O método 6. Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Trion, 1999.

PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos*. São Paulo: Imaginário, 2003.

RANDOM, Michel. *O pensamento transdisciplinar e o real*. São Paulo: Triom, 2000.

RUSSELL, Bertrand. *Ética e política na sociedade humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector: a paixão segundo C.L.* São Paulo: Escuta, 1992.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967 e 1994.

_____. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979 e 1982.

_____. *Ciência e política, duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1993.